



## Dossier

O processo de construção  
das identidades dos professores.

Contributos para a sua  
compreensão histórica.

## Nota de Abertura

Os estudos que constituem este *dossier* temático foram apresentados como comunicações no 4.º Colóquio de Ciências da Educação, versando o tema geral *Os professores: identidades (re)construídas*, realizado a 13 e 14 de Março de 2003, em Lisboa, por iniciativa da UID Observatório das Políticas de Educação e de Contextos Educativos da ULHT<sup>1</sup>.

A história da profissão docente nos seus diversos níveis de competência corresponde a uma temática muitíssimo importante na história da educação, temática que não tem sido objecto de trabalho privilegiado dos investigadores portugueses<sup>2</sup>, e, muito especialmente, a(s) identidade(s) dos professores. Por isso, estas comunicações (agora transformadas em pequenos artigos de revista) constituem um pequeno contributo para a compreensão histórica da construção e afirmação dessa(s) identidade(s). De acordo com Martin Lawn (2000):

“A identidade é «produzida» através de um discurso que, simultaneamente, explica e constrói o sistema [educativo]. A identidade do professor simboliza o sistema e a nação que o criou. Reflecte a «comunidade imaginada» da nação, em momentos em que esta é crucial para o estabelecimento ou reformulação dos seus objectivos económicos ou sociais, tal como se encontram definidos pelos Estado”<sup>3</sup>.

Assim, abrangendo os séculos XIX e XX, e situados em momentos históricos marcantes para a vida portuguesa, os cinco trabalhos aqui publicados poderão fornecer elementos úteis para a compreensão do processo de profissionalização dos docentes a partir de uma reflexão baseada em fontes que nos dão informações, especialmente, no que respeita às condições de trabalho nas escolas, que nos ajudam a compreender a identidade dos seus mestres e a prática pedagógica que utilizavam no dia a dia da sua actividade, às preocupações dos professores sobre essas condições e o seu estatuto sócio-profissional, aos esforços realizados para a organização de um associativismo profissional.

O primeiro estudo, da autoria de Maria Teresa Barros Conde, analisa as condições de trabalho das escolas do ensino primário oficial nos distritos de Lisboa e Faro, com base na análise de inquéritos que se efectuaram por todo o país, entre 1863 e 1866, permitindo fazer uma aproximação à realidade nacional daquele nível de ensino. Das visitas efectuadas a cada um dos estabelecimentos de ensino resultou o preenchimento de um formulário que compreendia quatro capítulos: *Do material e da escola*, *Do professor*, *Dos alunos* e *Das matérias de ensino*.

Do universo de perguntas inseridas nos inquéritos foram analisada questões sobre as escolas, o mobiliário e material didáctico que equipavam as salas, a assiduidade

dos alunos, a condição do professor que nelas ensinava, as suas habilitações literárias e como exercia a actividade docente em contexto de sala de aula, tanto na perspectiva dos métodos que utilizava, como na organização do trabalho e na gestão do tempo lectivo.

O segundo estudo, da autoria de Áurea Adão e Maria José Remédios, situa-se no período da 1.ª República e incide na análise das actas dos congressos nacionais dos professores do ensino primário, realizados entre 1914 e 1926. A decisão governamental sobre objectivos educacionais e reformulações no sistema educativo não ocorre dissociada da (re)construção de novas identidades docentes. Assim, os congressos ditos “pedagógicos” são abordados pelas autoras como processos de interacção, facilitadores da reprodução e transformação da profissão de ensinar, continuamente em estruturação/desestruturação/reestruturação. Os discursos neles proferidos espelham a adesão ou a rejeição dos professores às modificações da(s) sua(s) identidade(s), incrementadas pelo Estado, quer através de textos oficiais, quer pela introdução de formas de controlo da gestão do ensino.

O terceiro trabalho, devido a Maria Teresa Gonçalves dos Santos, com base na recolha de informação na imprensa regional eborense (1928 a 1974), permite desvendar, de algum modo, a(s) identidade(s) dos professores de província e, não menos importante, estimar o valor do seu estatuto social e cultural. A imprensa regional assume-se duplamente mediadora entre o geral ideológico e o particular vivenciado, entre o prioritário e o secundário, entre as referências públicas e os registos anónimos: por um lado, enuncia as grandes linhas da política nacional, resumindo-as e recorrendo a comentadores locais, e, por outro, deixa que o quotidiano se espelhe sem exigências de sistematização e segundo o ritmo dos acontecimentos.

Os dois últimos estudos incidem sobre a formação dos Grupos de Estudos, em finais de 1969 e inícios de 1970, os quais vêm a constituir o germe do sindicalismo docente português depois do 25 Abril de 1974. Assim, o quarto trabalho, da autoria de Maria Manuel Calvet Ricardo, ocupa-se do papel desempenhado pela imprensa periódica de cariz liberal para a divulgação do movimento, um dos poucos meios ao dispor dos professores, numa época em que como estavam simultaneamente impedidos de adquirirem uma profissionalização generalizada e de se constituírem em associações profissionais. Alargando-se rapidamente a todo o país, o movimento dos Grupos de Estudo emite comunicados, promove a realização de colóquios e de inquéritos à situação real dos professores e edita cadernos que veiculam informação. São os jornais *Diário de Lisboa* e *República*, juntamente com *A Capital*, o *Diário de Notícias* e *O Expresso*, as revistas *Flama*, *Vida Mundial* e *Século Ilustrado*, bem como os jornais regionais *Notícias da Amadora* e *Voz Portucalense* que se tornam meios de divulgação dessas iniciativas, e, por isso, valiosas fontes de informação e de formação. Finalmente, o quinto trabalho, da autoria de Manuel Tavares Gomes, tem como objectivo não só *historializar* o percurso dos Grupos de Estudo até à afirmação dos sindicatos dos professores, como também realçar a importância e papel das suas reflexões e dos

seus debates em torno das grandes questões educativas de então. Segundo o autor, essas profundas reflexões, mediadas por grandes figuras intelectuais da oposição ao regime de Salazar e de Caetano, como Rui Grácio, Salvado Sampaio, Calvet de Magalhães e outras, trouxeram a substância teórica imprescindível para um sindicalismo de qualidade que pugnou pela qualidade da formação dos professores, pelos seus direitos inalienáveis e pela democratização efectiva do ensino e da educação. Por outro lado, são os Cadernos *O professor*, editados na clandestinidade pelos Grupos de Estudo, que vão desempenhar uma função importante de (in)formação, veiculando notícias, comunicados, e outros, publicando estudos, extractos de textos doutrinários, promovendo inquéritos.

Áurea Adão

#### Notas

- <sup>1</sup> O livro *Os professores: identidades (re)construídas* (Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2004) reúne as conferências proferidas neste Colóquio e comunicações livres apresentadas sobre projectos de investigação e estudos concluídas ou em fase de realização incidindo em questões actuais inseridas na temática geral.
- <sup>2</sup> Ver: Magalhães, Justino & Escolano, Agustín (orgs.) (1999). *Os professores na história*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.<sup>3</sup> Os professores e a fabricação de identidades. In A. Nóvoa & J. Schriewer (eds.), *A difusão mundial da escola. Alunos – Professores. Currículo – Pedagogia*. (p. 70). Lisboa: Educa.